

**Brazilian Journal of Forensic Sciences,
Medical Law and Bioethics**

Journal homepage: www.ipebj.com.br/forensicjournal



Detecção de Mentira:

Revisão de Literatura dos Estudos Realizados na Última Década

Lie Detection: Literature Review of Studies on the Last Decade

Karoline Pereira Reis^{1,a}, Bruna Domingues Ribeiro^{1,b}, Rui Mateus Joaquim^{2,c}

¹ *Graduanda em Psicologia pelo Centro Univ. UNIFAFIBE. R. Orlando França de Carvalho, 352, CEP: 14701-070, Bebedouro, SP, Brasil. (17)3344-7100.*

² *Mestre em Psicologia pela Faculdade de Ciências da UNESP, docente do curso de Psicologia e coordenador da Clínica de Psicologia Aplicada do UNIFAFIBE. R. Orlando França de Carvalho, 352, CEP: 14701 – 070, Bebedouro, SP, Brasil. (17) 3344-7100.*

^a *E-mail: reiskaroline@yahoo.com.br;*

^b *E-mail: bruna.domingues.ribeiro@gmail.com*

^c *E-mail: ruimateus@hotmail.com*

Received 29 January 2013

Resumo. A mentira pode ser usada para omitir alguma informação ou para dissimular, retendo informações e expondo outras que não são verdadeiras. Portanto é fundamental que profissionais de algumas áreas como a psicologia, a criminalista e a jurídica tenham conhecimentos específicos sobre a detecção da mentira. Estudos realizados na área de comunicação não-verbal e psicologia experimental, vem fornecendo aos profissionais, o subsídio necessário para compreenderem as situações de engano e mentira. O presente estudo teve como foco fazer uma revisão de literatura, através de buscas realizadas nas principais bases de dados, dos artigos publicados na última década que mais se relacionavam com o assunto de detecção de mentira. Foram encontrados por volta de 100 artigos, dentre os quais 21 relacionavam-se exclusivamente a detecção de mentira. Através desse levantamento descobrimos que a área de maior publicação é a psicologia e o método mais utilizado é o estudo experimental.

Palavras-chave: Detecção de mentira; Mentira; Engano.

Abstract. The lie can be used either to omit or to conceal some information, retaining some of it and exposing another which is not true. Therefore it is crucial that professionals of some

areas as psychology, criminal and Law, have specific knowledge about the detection of lies. Studies in the area of nonverbal communication and experimental psychology, has been providing to the professionals the subsidy needed to understand the situations of deceit and lies. This study focused on reviewing the literature through searches performed on major databases, looking for articles published in the last decade that most were related to the subject of lie detection. We found about 100 articles, among which 21 were related exclusively to lie detection. Through this survey we found that the main area that publishes about lie detection is psychology and the most used method is the experimental study.

Keywords: Detection of lie; Lie; Deceit.

1. Introdução

Comportamento pode ser definido como toda a interação entre um organismo e seu ambiente. O comportamento humano é resultante de um misto complexo de componentes orgânicos e ambientais, que resultam na interação do indivíduo com o meio em que ele vive.

Dessa interação, pode surgir um comportamento peculiar dos seres humanos, a mentira. Ela é parte integrante das relações humanas, um comportamento que se faz presente no repertório de atitudes do indivíduo.

Porém o que é a mentira? Segundo Ekman (1985), a mentira constitui-se da intenção deliberada de enganar o outro. Para o autor existem duas formas de mentir, o ocultamento e a dissimulação.

Um mentiroso pode ocultar informações, onde ele não diz tudo o que realmente sabe, ele apenas retêm algo sem dizer nada falso, e em contra partida há pessoas que retêm a verdade e no lugar apresentam informações falsas como se fossem verdadeiras.

Há algumas situações em que se faz necessário identificar a mentira, situações onde ela pode ter uma implicação grave, muito diferente da mentira social que vemos nas interações humanas cotidianas, por exemplo quando se pretende interrogar um criminoso, ou um psicólogo num contexto clínico quando entrevista um paciente que possua características de desajustamento social, podendo acarretar perigo à sociedade.

A identificação da mentira tem sido estudada por meio da comunicação não-verbal, com a análise de gestos, expressões e micro-expressões faciais, que podem indicar contradição, em relatos verbais.

O presente artigo objetivou buscar nas maiores bases de dados de pesquisa, artigos sobre a detecção de mentira para realização de um levantamento

bibliográfico sobre estudos. que vêm ocorrendo no decorrer da última década e assim contextualizar os tipo de pesquisas que vem sendo realizadas, bem como elas auxiliam na busca da compreensão da dissimulação e sua aplicabilidade em diferentes ramos de atuação, como por exemplo psicologia e jurídico-criminal.

2. Revisão de Literatura

O presente artigo constitui-se de uma revisão de literatura sobre estudos de detecção de mentiras, realizada em fevereiro e março de 2013, no qual realizou-se consulta a artigos científicos selecionados através de busca nos principais bancos de dados como Scielo, Lilacs, Medline, Bireme, Springer, Taylor & Francis online, Google acadêmico e Research Gate.

A pesquisa focou-se nos artigos da ultima década (2003-2013), As palavras-chave utilizadas na busca foram detecção de mentira, mentira e engano.

Os critérios de inclusão para os artigos encontrados foram estarem vinculados ao tema de detecção de mentira e as suas variáveis com publicação dentro da ultima década. Foram excluídos estudos que não estavam dentro do período estipulado.

Em seguida, buscou-se estudar os principais artigos encontrados para compreender melhor o tema e as suas variáveis de estudo, assim como verificar as áreas onde há maior concentração de publicações.

Foram encontrados por volta de 100 artigos que discorriam sobre mentira e emoções, nas bases de dados consultadas, porém dentre os 100, 21 artigos se referiam especificamente a detecção de mentiras, no qual esses foram utilizados como base para o presente estudo, segundo os critérios de inclusão. Tratam-se, na maioria deles, de estudos experimentais, realizados com estudantes ou profissionais que trabalham na área.

A área de maior concentração de estudos foi a psicologia, com artigos também encontrados em áreas multidisciplinares com interface da psicologia com o jurídico-criminal.

Quando fala-se sobre a mentira na vertente da psicologia há diferentes perspectivas, nesse ponto frisaremos a interconductual, que estuda a mentira como um evento mental ou como representações cognitivas que causam os atos mentirosos. Nessa perspectiva, Gonzáles (2010) define o ato de mentir como um ato social de um comportamento linguístico que implica na necessidade de um desenvolvimento psicológico, por isso menciona que mentir não é resultado de algo

inato, é um comportamento aprendido, mas ressalta que não é necessário que indicadores universais sejam idênticos em todas as culturas.

Gonzáles (2010) defendeu que a mentira é um comportamento aprendido culturalmente, e no mesmo ano Martins e Carvalho (2010) publicaram um estudo sobre a análise dela no contexto social, realizado com adolescentes entre o 7º e 12º escolar caracterizados por contexto socioeconômico e cultural, como classe A (baixa), classe B (média) e classe C (alta). Observou-se que os alunos das classes B e C demonstram maior preocupação nas pessoas que podem estar envolvidas na consequência de uma mentira e se dizem orgulhosos demais para admitir a verdade, enquanto a maioria da classe A demonstram estar mais centrados em si e assumem mentir sobretudo por vergonha de assumir a verdade. Assim, notamos que na classe baixa, os adolescentes possuem uma atitude mais egocêntrica em relação as facetas da mentira, enquanto que nas classes média e alta há uma maior preocupação para com os outros.

Darwin (1872) citado Porter, Brinke e Wallace (2012) levantou a hipótese de que algumas ações musculares faciais associadas a emoção não podem ser conscientemente inibidas, particularmente quando a emoção a ser ocultada é forte, para verificar essa hipótese os autores realizaram um estudo sobre as ocultações emocionais em expressões faciais de engano como uma função da intensidade emocional.

Segundo os resultados, a proposta de Darwin está correta, pois no experimento as emoções de alta intensidade eram mais difíceis de serem ocultadas do que as de baixa intensidade, e entre expressões de medo e felicidade, houve uma maior ocultação na de medo. Entretanto, Hurley e Frank (2011) frisa que os mentirosos utilizam deliberadamente de algumas estratégias na tentativa de enganar os detectores de mentira e as contramedidas comportamentais é uma delas, eles tentam controlar as expressões faciais e o comportamento do corpo. O presente estudo examinou se os participantes conseguiam suprimir as ações faciais, como os movimentos da sobrancelha ou os sorrisos quando sob a supervisão de um detector de mentiras. Os resultados de Hurley e Frank (2011) revelaram que as ações faciais podem ser reduzidas, mas não eliminadas e que a instrução para reduzir um elemento da expressão resulta em uma redução total dos movimentos faciais.

Então, segundo os estudos citados até o presente momento pode haver emoções difíceis de serem ocultadas, mas que estão sempre na mira dos enganadores na tentativa de mascarar algumas emoções. Corroborando com essa

afirmação encontramos um estudo realizado no Japão por Okubo, Kobayashi e Ishikawa (2012) em que é notável a dificuldade em distinguir uma expressão emocional falsa de um trapaceiro e de um contador de verdade (cooperadores). Nos resultados, as expressões de raiva dos trapaceiros foram classificadas como mais intensas e menos confiáveis do que as dos cooperadores. Por outro lado, as expressões felizes dos trapaceiros foram maiores em intensidade emocional se comparáveis às dos colaboradores em confiabilidade. Estes resultados sugerem que a detecção dos trapaceiros baseada no processamento de expressões faciais negativas pode ser frustrada por um falso sorriso, em que os trapaceiros colocam uma maior intensidade do que os cooperadores.

Como podemos observar, o comportamento não verbal pode contribuir ou não para a análise na detecção de mentira, e para isso vamos citar alguns estudos encontrados e as conclusões de alguns autores. Caso, Maricchiolo, Bonaiuto, Vrij e Mann (2006) estudou o impacto do engano e da suspeita nos diferentes tipos de movimentos da mão e concluíram que durante uma mentira há um decréscimo nos gestos dêiticos (movimentos de apontar acompanhados de palavras como 'aqui', 'lá'), e um aumento em gestos metafóricos (gestos que se referem a expressões abstratas, como complexidade), considerado o principal efeito de veracidade, e uma diminuição nos gestos auto-adaptadores (contato com o próprio corpo). Em uma situação de forte suspeita foi associado um aumento nos gestos metafóricos, rítmico (batida rítmica de um dedo ou de uma mão ligados ao ritmo da fala) e dêitico, e uma diminuição no auto-adaptador, nos gestos emblemáticos, e gestos coesos (principal efeito da suspeita).

Sobre o comportamento não verbal de piscar de olhos, Leal e Vrij (2008) testou uma hipótese, derivada da literatura, de que quando os mentirosos estão em uma demanda de experiência cognitiva, suas mentiras estariam associadas com uma diminuição no piscar de olhos, diretamente seguida por um aumento no piscar de olho, quando a demanda cessa após a mentira ser contada. A hipótese foi comprovada e o padrão previsto foi encontrado em mentirosos e foi notavelmente diferente do padrão obtido em contadores de verdade.

Em outro estudo Mann, Vrij, Leal, Granhag, Warmelink e Forrester (2012) mediram os movimentos dos olhos, porque segundo eles na literatura há uma maioria que acredita na ideia de que os mentirosos evitam o contato visual com o entrevistador. Concluíram que os mentirosos possuem um desejo maior de serem convincentes, e, portanto, são mais propensos a acompanhar e manter o contato

visual com o entrevistador, para ver se este está acreditando, resultado este que se opõe a crença de que os mentirosos evitam o contato visual.

Vrij, Mann, Leal e Fisher (2012) estudaram outra variável que pode auxiliar na detecção de mentira, a informação espacial. No estudo 17 contadores de verdade e 16 mentirosos foram convidados para descrever e esboçar verbalmente o seu local de trabalho e então mediram a quantidade de detalhes incluídos na descrição verbal/esboço, a plausibilidade verbal da descrição/desenho, o número de pessoas verbalmente descritas/esboçadas e o nível de detalhe em que essas pessoas foram verbalmente descritas/esboçadas. Em todas as quatro variáveis no desenho surgiram diferenças, enquanto que apenas uma na descrição verbal (o número de pessoas descritas). E concluíram que, além de esboçar ter sido um fator surpresa para os participantes, este pedido força o mentiroso a transmitir informação espacial, dificultando a mentira.

Sobre as aptidões dos detectores, Edelstein, Luten, Ekman e Goodman (2006) examinaram as habilidades dos observadores para detectar mentiras em crianças e adultos. Os participantes observaram entrevistas gravadas de crianças e adultos mentindo ou dizendo a verdade sobre terem sido tocados por um assistente de pesquisa do sexo masculino. Análises revelaram que os observadores foram inclinados para julgar as declarações dos adultos como verdadeiras, o que não aconteceu para as crianças. Também analisaram que os observadores que estavam altamente precisos na detecção de mentiras das crianças foram igualmente precisos em detectar mentiras dos adultos.

Outra perspectiva de detecção de mentiras foi estudada por Vrij, Granhag, Mann e Leal (2011) com base na carga cognitiva, demonstrando que é possível fazer questões que levantam mais carga cognitiva em mentirosos do que em pessoas que dizem a verdade. Esta perspectiva de detecção de mentiras cognitiva consiste de duas abordagens. A abordagem da carga cognitiva visa tornar a entrevista mais difícil para os entrevistados, já que eles argumentam que essa carga afeta mais os mentirosos do que os contadores de verdade, resultando em sugestões para o engano.

Enquanto a variável sobre as intenções de mentir, Vrij, Granhag, Mann e Leal (2011) realizaram um experimento em um salão de embarque de um aeroporto com 60 passageiros que disseram a verdade ou mentiram sobre a sua próxima viagem. Analisaram essas entrevistas e observaram que os mentirosos eram menos plausíveis nas respostas em relação as respostas dos que contavam a verdade,

mas não diferiam em termos de detalhe. Mentirosos também incluíam mais contradições e menos correções espontâneas em suas respostas.

Vrij, Granhag e Porter (2010) fizeram uma publicação sobre a questão se é possível ou não detectar mentiras ao observar o comportamento não-verbal ou analisar o discurso de alguém. Neste artigo eles falaram os principais fatores que levam a falhas na captura de mentirosos, e destes eles citam que uma dificuldade na detecção pode ser porque muitas vezes as mentiras estão incorporadas em verdades, e também porque os detectores muitas vezes não recebem adequado *feedback* sobre seus julgamentos e, portanto, não podem aprender com seus erros. Erros estes comuns por examinarem pistas erradas, colocando muita ênfase em sinais não-verbais, tendendo facilmente a interpretar certos comportamentos, particularmente sinais de nervosismo, como diagnóstico de engano, colocando uma ênfase exagerada na simplista regras de ouro, e negligenciando as diferenças inter e intrapessoal. Na segunda parte do artigo eles discutem oportunidades de uma maximização de detecção de mentiras e também elaboram estratégias para melhorar a habilidade na detecção, assim os autores incentivam os detectores a usarem uma coleta de informações, ao invés de uma abordagem acusatória, e também a fazerem perguntas imprevisíveis aos mentirosos.

Pesquisando sobre essas perguntas inesperadas que podem ser favoráveis à detecção, encontrou-se um artigo onde Lancaster, Vrij, Hope e Waller (2012) examinaram o efeito dessas perguntas. Os pesquisadores queriam observar como os eventos são lembrados e mudança de perspectiva (temporal ou espacial) que os contadores de verdade e os mentirosos apresentavam. Também mediu-se a carga cognitiva através do desempenho em um objeto de classificação. Comparado com os contadores de verdade, as respostas verbais de mentirosos mostrou um declínio maior em detalhes, e estes também classificaram significativamente menos objetos por minuto.

Considerando a existência de tantas medidas utilizadas pelos enganadores na tentativa de burlarem o julgamento de suas declarações, é indispensável possuímos profissionais capacitados na detecção do engano. Pesquisas têm mostrado consistentemente que as pessoas são pobres na detecção da mentira, em parte devido à falta de pistas consistentes para detectá-la. Enfocando nesse aspecto, Hartwing, Granhag, Stromwall, Wolf, Vrij e Hjelmstater (2011) realizaram um experimento e concluíram que culpados, em relação a inocentes, são suspeitos de omitir informações mais relevantes para o crime e de terem declarações mais

propensas a contradizer a evidência, mostrando que a declaração e a inconsistência de provas são uma sugestão ao engano.

Nessa vertente, outro ponto relevante é a credibilidade do julgamento, e em um trabalho de Davis, Markus e Walters (2006) demonstrou-se que o modo em que a declaração é apresentada infere na credibilidade. Notou-se que os juízes de áudio podem ser mais precisos do que os com áudio/vídeo quando o protocolo contém estereótipos (pistas visuais invalidadas por engano, como aversão ao olhar).

Sobre a acurácia na detecção da mentira, em um trabalho realizado por Pereira, Brasileiro, Silva, Silva, Brachi e Albuquerque (2006) onde investigaram o tipo de pista que favorece a identificação da mentira, porém não apontou diferenças na identificação da mentira quando utilizadas somente pistas visuais ou auditivas e visuais. E sobre os efeitos exercidos pelos estereótipos revelou que as crenças estereotipadas não foram suficientemente fortes para distorcer os julgamentos e influenciar os tipos de erros esperados

Dado interessante é o de que um maior sucesso na detecção de mentira está diretamente relacionado com a capacidade dos julgadores, Alongo, Masip e Garrido (2009) examinaram pesquisas internacionais sobre a capacidade dos policiais para detectar mentiras, e mostrou que segundo uma meta análise feita por Aamodt y Custer (2006) citado pelos autores, foi possível observar a precisão dos policiais (M=55,30%), detetives (M=50,80%), agentes aduaneiros (M=55,30%), agentes federais (M=54,54%), agendes do Serviço Secreto (M=64,12%) e dos estudantes (M=54,22%) na capacidade de detecção, constatando que a superioridade entre os profissionais e entre estudantes, não profissionais, é muito limitada e por isso acreditam que os policiais tendem a julgar as declarações como falsas, dados este que coloca em cheque a importância de possuir profissionais mais qualificados na decisão de julgamentos

Uma das soluções para possuímos profissionais mais qualificados pode ser visto no trabalho de Quinta e Coelho (2009) que teve como objetivo avaliar o efeito do *feedback* dado aos detectores de mentira após cada julgamento, com exposição prolongada à situação experimental, na qual detector e emissor interagem frente a frente, estudo este com grande importância tendo em vista a pouca habilidade desenvolvida pelos detectores de mentira. Foi possível observar nos resultados uma porcentagem de até 100% em uma sessão na melhora do desempenho de todos os detectores após o *feedback*, entretanto, esse desempenho mostrou pouca estabilidade.

3. Conclusão

A detecção de mentira demonstra ser um tema relevante por estar relacionada a questões de segurança, juízo, criminologia e de saúde.

Mesmo sendo observados resultados significativos com as práticas da detecção da mentira através do comportamento não verbal, ainda são necessários mais estudos, tendo em vista que trata-se de um campo relativamente novo e por estar relacionado a questões subjetivas do ser humano. A área onde concentra-se o maior número de estudos é a psicologia, fazendo-se necessário o incentivo às pesquisas em outras áreas, como a criminal.

Observou-se também que os principais e mais numerosos estudos estão sendo realizados em países como Inglaterra e EUA. Já pesquisas realizadas no Brasil, foram encontradas apenas duas, o que leva a conclusão da necessidade de mais estudos e incentivos nessa área de atuação pelos pesquisadores brasileiros.

Aqui vale ressaltar também que o levantamento feito neste artigo restringiu-se ao período da última década, o que pode ter excluído então possíveis pesquisas sobre o tema em anos anteriores.

Enfatizamos a necessidade de mais estudos na área criminal para que os profissionais estejam cada vez mais capacitados, logo serem mais assertivos nos julgamentos, bem como estimular o número de pesquisas por pesquisadores nacionais.

Referências

1. Ekman P. *Telling Lies: Clues to Deceit in the Marketplace, Politics, and Marriage*. New York: W W Norton & Company, 1985.
2. Gonzáles M. O. *Comportamiento mentiroso: Un análisis conceptual desde una perspectiva interconductual*. Revista electrónica de Psicología de Iztacala, México, vol. 13, 1ª Ed, março de 2010.
3. Martins M, Carvalho C. *A mentira na adolescência: Uma análise baseada no contexto social*. Seminário Internacional "Contributos da Psicologia em Contextos Educativos". Braga: Universidade do Minho, 2010. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5324>. Acessado em 09 de março de 2013.
4. Porter S, Brinke LT, Wallace B. *Secrets and Lies: Involuntary Leakage in Deceptive Facial Expressions as a Function of Emotional Intensity*. Journal of Nonverbal Behavior, Canadá, vol. 33, 1ª Ed., março 2012.
5. Hurley CM, Frank MG. *Executing Facial Control During Deception Situations*. Journal of Nonverbal Behavior, USA, vol. 35, 2ª Ed., jun. 2011.

6. Okubo M, Kobayashi A, Ishikawa K. A fake Smile Thwarts Cheater Detection. *Journal of Nonverbal Behavior*, Japão, vol. 36, 3ª Ed., set. 2012. março de 2013.
7. Caso L, Maricchiolo F, Bonaiuto M, Vrij A, Mann S. The impact of deception and suspicion on different hand movements. *Journal of Nonverbal Behavior*, Itália, vol. 30, 1ª Ed., março 2006.
8. Leal S, Vrij A. Blinking During and After Lying. *Journal of Nonverbal Behavior*, Inglaterra, vol. 32, 4ª Ed., dez. 2008.
9. Mann S, Vrij A, Leal S, Granhag PA, Warmelink L, Forrester D. Windows to the Soul? Deliberate Eye Contact as a Cue to Deceit. *Journal of Nonverbal Behavior*, Inglaterra, vol. 36, 3ª Ed., set. 2012.
10. Vrij A, Mann S, Leal S, Fisher R. Is anyone there? Drawings as a tool to detect deceit in occupation interviews. *Psychology, Crime & Law*, Londres, v.18, n.4, p. 377-388, maio 2012. 
11. Edelstein RS, Luten TL, Ekman P, Goodman GS. Detecting Lies in Children and Adults. *Law and Human Behavior*, v.30, p.1–10, 2006. 
12. Vrij A, Granhag P, Mann S, Leal S. Outsmarting the liars: toward a cognitive lie detection approach. *Current Directions. Psychological Science*, Portsmouth, v.20, n.1, p.28-32, 2011.
13. Vrij A, Granhag P, Mann S, Leal S. Lying about flying: the first experiment to detect false intent. *Psychology, Crime & Law*, Londres, v.17, n.7, p.611-620, set. 2011. 
14. Vrij A, Granhag PA, Porter S. Pitfalls and Opportunities in Nonverbal and Verbal Lie Detection. *Psychological Science in the Public Interest*, v.11, n.3, p.89–121, 2010. 
15. Lancaster GLJ, Vrij A, Hope L, Waller B. Sorting the Liars from the Truth Tellers: The Benefits of Asking Unanticipated Questions on Lie Detection. *Applied Cognitive Psychology*, Portsmouth, v.27, p.107–114, out. 2012. 
16. Hartwig M, Granhag PA, Stromwall L, Wolf AG, Vrij A, Hjelmstätter ER. Detecting deception in suspects: verbal cues as a function of interview strategy. *Psychology, Crime & Law*, Londres, v.17, n.7, p.643-656, set. 2011. 
17. Davis M, Markus KA, Walters SB. Judging the Credibility of Criminal Suspect Statements: Does Mode of Presentation Matter?. *Journal of Nonverbal Behavior*, Nova York, vol. 30, 4ª Ed., dez. 2006.
18. Pereira ME, Brasileiro R, Silva JF, Silva PB, Brachi D, Albuquerque F. Estereótipos, mentiras e videotape: estudos experimentais sobre a acurácia na identificação da mentira. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 209-218, jan-abr. 2006. 
19. Alonso H, Masip J, Garrido E. La capacidad de los policías para detectar mentiras. *Revista de Derecho Penal y Criminología*, Espanha, vol. 3, 2ª Ed., 2009.

20. Quinta NCC, Coelho C. Contando e Detectando Mentiras: Efeito do Feedback sobre o Desempenho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v.25, n.1, p.137-145, jan-mar. 2009. 